



OFICINAS SOCIOEDUCATIVAS NA PERCEPÇÃO DE AUTONOMIA DECISÓRIA NO ENVELHECIMENTO

SOCIOEDUCATIONAL WORKSHOPS ON THE PERCEPTION OF DECISION-MAKING AUTONOMY IN AGING

DOI: 10.5281/zenodo.22183424



Fernanda Barbosa de Oliveira Santos¹

Bruna Gabriela Marques²

Rita de Cássia de Aquino³

RESUMO

O envelhecimento populacional impõe desafios para a manutenção da autonomia decisória e da socialização da pessoa idosa, exigindo estratégias que promovam seu protagonismo e inserção social. O presente estudo teve como objetivo investigar a percepção de pessoas idosas sobre sua autonomia e socialização após a participação em oficinas socioeducativas na cidade de Santos-SP. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e interventivo, realizada com 12 pessoas idosas, com idades entre 60 e 79 anos. A intervenção estruturou-se em um ciclo de sete semanas, contemplando a aplicação de cinco oficinas temáticas: Movimento Corporal; Inclusão Digital e Conexões Sociais; Direitos da Pessoa Idosa; Fotografia – um novo olhar e Estimulação Cognitiva e Criatividade. A coleta de dados ocorreu por meio de diário de campo, registros fotográficos e uma roda de conversa na fase final, sendo os relatos transcritos e avaliados segundo a análise de conteúdo de Bardin. A análise originou três categorias temáticas: I) Ressignificação do Espaço e Cidadania; II) Sociabilidade e Rompimento do Isolamento; e III) Avaliação Crítica e Demanda Educacional. Os resultados demonstraram que as oficinas transcenderam o aprendizado técnico, atuando como ferramentas de resgate da cidadania, fortalecimento de vínculos afetivos e favorecendo a mitigação do isolamento social e o estímulo à socialização, especialmente para a parcela da amostra que não participava de outros grupos sociais. Além disso, os participantes assumiram uma postura reflexiva e crítica, demandando maior aprofundamento de carga horária e em temas atuais, como Inteligência Artificial. Conclui-se que intervenções socioeducativas são eficazes para promover o envelhecimento ativo, o

1 Mestranda em Ciências do Envelhecimento pela Universidade São Judas Tadeu (USJT).

2 Doutora e Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Envelhecimento da USJT (Coorientadora).

3 Doutora e Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Envelhecimento da USJT (Orientadora).





sentimento de pertencimento e o protagonismo da pessoa idosa, devendo subsidiar futuras políticas públicas e projetos de extensão com maior densidade acadêmica.

Palavras-chave: Pessoa idosa. Educação permanente. Socialização. Tomada de Decisão

ABSTRACT

Population aging poses challenges for maintaining the decision-making autonomy and socialization of older adults, requiring strategies that promote their active role and social integration. This study aimed to investigate older adults' perceptions regarding their autonomy and socialization after participating in socio-educational workshops in the city of Santos, São Paulo. It was a qualitative study—descriptive and interventional in nature—conducted with 12 older adults aged 60 to 79. The intervention was structured in a seven-week cycle, comprising five thematic workshops: Body Movement; Digital Inclusion and Social Connections; Rights of Older Adults; Photography—A New Perspective; and Cognitive Stimulation and Creativity. Data collection involved field notes, photographs, and a group discussion in the final phase; accounts were transcribed and evaluated using Bardin's content analysis method. The analysis yielded three thematic categories: I) Reimagining Space and Citizenship; II) Sociability and Breaking Isolation; and III) Critical Evaluation and Educational Needs. The results demonstrated that the workshops went beyond technical learning, serving as tools to reclaim citizenship and strengthen emotional bonds, while helping to mitigate social isolation and foster socialization—particularly for the subset of the sample that did not participate in other social groups. Furthermore, participants adopted a reflective and critical stance, calling for more in-depth sessions and coverage of current topics, such as Artificial Intelligence. The study concludes that socio-educational interventions are effective in promoting active aging, a sense of belonging, and the active participation of older adults, and should inform future public policies and extension projects with greater academic depth.

Keywords: Elderly person. Continuing education. Socialization. Decision-making.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional constitui um dos mais importantes fenômenos demográficos do século XXI, com repercussões significativas nas dimensões social, econômica, sanitária e política (WHO, 2020). No Brasil, a rápida transição demográfica resultou no crescimento expressivo da população com 60 anos ou mais, cenário que impõe novos desafios à formulação de políticas públicas (IBGE, 2023). O município de Santos, no litoral paulista, destaca-se por possuir o maior índice de envelhecimento entre cidades com mais de 50 mil habitantes, contabilizando mais de 25% de sua população nessa faixa etária,





torna-se um cenário estratégico para o desenvolvimento de pesquisas e intervenções voltadas ao envelhecimento.

Diante dessa realidade, a promoção da saúde da pessoa idosa demanda a superação de modelos assistencialistas, centrados exclusivamente na doença, em direção a abordagens integrais que valorizem o protagonismo e a autonomia (COSTA e SANTOS, 2025). Castro et al. (2024) argumentam que o envelhecimento bem-sucedido envolve o fortalecimento da participação social, aspecto concretizado em espaços que favorecem o diálogo e a construção coletiva do conhecimento. Sob essa perspectiva, o processo requer ações educativas comunitárias capazes de fortalecer vínculos e estimular a aprendizagem contínua (BARROS et al., 2021).

A autonomia constitui um conceito central para compreender a velhice de forma cidadã, não se restringindo à independência funcional, pois envolve a possibilidade de escolher, opinar e participar das decisões (BARROS et al., 2021). A autonomia decisória é a capacidade percebida pela pessoa idosa de exercer escolhas em sua rotina, alterando o conceito de uma dimensão física para uma relacional e participativa. Quando o envelhecimento é visto apenas pela ótica da dependência, reforçam-se práticas de silenciamento e substituição da vontade, contrariando o Estatuto da Pessoa Idosa, que preconiza a integração e a participação efetiva (CASTRO et al., 2024; SILVA et al., 2025; BRASIL, 2003).

Em contrapartida, quando esses vínculos se rompem, o isolamento social agrava vulnerabilidades, reduzindo o pertencimento e configurando-se como um fator de risco associado à demência e ao declínio cognitivo (LIVINGSTON et al., 2024; COSTA; SANTOS, 2025). Lutos simbólicos sociais e as barreiras contemporâneas, como a exclusão digital, intensificam o retraimento (BONETTI; BICA, 2024). Nesse cenário, as oficinas socioeducativas emergem como estratégias vitais. Baseadas na perspectiva freireana de educação dialógica, essas oficinas reconhecem o sujeito como participante ativo, valorizando seus saberes prévios e favorecendo a socialização e a resignificação do cotidiano (FREIRE, 1996).





Compreender os desafios do envelhecimento contemporâneo torna-se fundamental para o desenvolvimento de estratégias capazes de fortalecer o protagonismo da pessoa idosa. Sob essa ótica, o presente estudo alinha-se diretamente aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, articulando a Educação de Qualidade (ODS 4) por meio da aprendizagem permanente; a Saúde e o Bem-Estar (ODS 3) no combate ao isolamento e estímulo cognitivo; a Redução das Desigualdades (ODS 10) na superação do etarismo e da exclusão digital; e a construção de Cidades e Comunidades Sustentáveis (ODS 11) ao promover a integração comunitária e o pertencimento territorial (WHO, 2020). Deste modo, este estudo teve como objetivo principal investigar a percepção de pessoas idosas sobre sua autonomia e socialização após a participação em oficinas socioeducativas na cidade de Santos-SP.

METODOLOGIA

A pesquisa configura-se como de abordagem qualitativa, com intervenção prática e descritiva. A etapa descritiva concentrou-se na caracterização dos participantes e no registro do processo de desenvolvimento das oficinas, intitulado "Conectividade", permitindo observar comportamentos, interações, percepções e reações ao longo da intervenção. O estudo foi desenvolvido em espaço acessível na Universidade São Judas Tadeu (USJT), Campus Unimonte, situado na cidade de Santos-SP.

A seleção dos participantes foi realizada de forma não probabilística por conveniência, a partir de convites realizados em vias públicas, próximos a unidades de saúde, instituições de ensino da região e estações de transporte público, garantindo a diversidade. Foram incluídas no estudo 12 pessoas idosas (n=12) com 60 anos ou mais, residentes na Baixada Santista, voluntariamente interessadas em participar de atividades socioeducativas. Foram excluídos indivíduos que não atingiram a frequência mínima de cinco encontros ou que não compareceram à roda de conversa final.





A intervenção prática estruturou-se em um ciclo total de sete semanas, contemplando na primeira semana atividades de acolhimento, apresentação e expressão artística de personalização das camisetas (uniforme), seguidas pelo desenvolvimento de cinco oficinas temáticas e, na última semana, a aplicação da roda de conversa final. As oficinas tiveram duração aproximada de duas horas, incluindo apresentação, organização e intervalos, sendo mediadas por profissionais especialistas em suas respectivas áreas. O Quadro 1 apresenta a programação das oficinas desenvolvidas.

Quadro 1 – Programação das oficinas (Santos, SP, 2026).

Tema da Oficina	Objetivo principal
Movimento Corporal	Promover mobilidade articular e relaxamento físico com atividades físicas
Inclusão Digital e Conexões Sociais	Promover o uso básico de tecnologias (celular, internet, redes sociais) com segurança.
Direitos da Pessoa Idosa	Informar e conscientizar sobre os direitos legais da pessoa idosa.
Fotografia e Memória: Olhares sobre a Vida	Incentivar o uso de material fotográfico, através de aprendizagem de novas técnicas no celular.
Estimulação Cognitiva e Criatividade	Estimular memória, atenção e linguagem com jogos e exercícios específicos.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Para a coleta de dados, adotou-se como instrumento central a "roda de conversa", realizada com o grupo na última semana das intervenções. Essa escolha justificou-se por seu caráter dialógico e participativo, favorecendo a escuta ativa e a valorização das experiências. A condução da roda permitiu aos participantes expressarem sentimentos, críticas e percepções, configurando-se como uma prática metodológica capaz de promover o protagonismo (OLIVEIRA; GAMA, 2024). Além disso, foram empregados questionários sociodemográficos, registros fotográficos e o diário de campo da pesquisadora com observações sistemáticas e comportamentais.

As rodas foram registradas por meio de gravações em áudio e vídeo, posteriormente transcritas na íntegra. A interpretação dos dados foi realizada com base na análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), estruturada em três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Pré-Análise: consistiu na organização





do material, leitura flutuante da transcrição, estabelecendo contato com as informações e levantando as primeiras hipóteses de categorização, respeitando as regras de exaustividade e pertinência; Exploração do Material: etapa de codificação das informações para construir as categorias de análise e unidades de significado. O critério de escolha foi a repetição de assuntos e a relevância semântica. Tratamento dos resultados e interpretação: os dados foram articulados conforme o referencial teórico permitindo compreender como esses participantes perceberam e vivenciaram as oficinas socioeducacionais, com interesse nos achados.

A pesquisa respeitou rigorosamente os princípios éticos previstos na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o CAEE 88357025.4.0000.0089.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para facilitar a identificação dos participantes nas análises e respeitar o sigilo ético, eles foram nomeados com a letra C (Participantes), seguida de uma numeração de 1 a 12 (C1 a C12), ordenada de forma decrescente pela idade. O perfil sociodemográfico da amostra é detalhado na Tabela 1.

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica dos participantes das oficinas (Santos, SP, 2026).

Participante	Idade	Gênero	Estado Civil	Escolaridade	Arranjo Domiciliar	Participante de outros grupos socioeducacionais
C1	79	Feminino	Casada	Ens. Fundamental	Com cônjuge	NÃO
C2	78	Masculino	Casado	Ens. Médio	Com cônjuge	NÃO
C3	77	Masculino	Casado	Ens. Superior	Com familiares	SIM
C4	74	Feminino	Viúva	Ens. Médio	Com familiares	NÃO
C5	74	Feminino	Viúva	Ens. Superior	Sozinho(a)	SIM
C6	69	Feminino	Divorciada	Ens. Médio	Sozinho(a)	SIM
C7	67	Feminino	Viúva	Pós-Graduação	Sozinho(a)	NÃO
C8	65	Feminino	Viúva	Ens. Médio	Com familiares	SIM
C9	65	Feminino	Casada	Ens. Superior	Com cônjuge	NÃO
C10	62	Feminino	Casada	Ens. Fundamental	Com cônjuge	NÃO
C11	60	Feminino	Casada	Ens. Médio	Com cônjuge	NÃO
C12	60	Feminino	Divorciada	Ens. Médio	Sozinho(a)	NÃO

Fonte: Dados da pesquisa.





A análise dos dados sociodemográficos evidenciou que a maioria da amostra era composta por mulheres (10 participantes) e 50% declararam-se casados, seguidos de viúvos (33,3%) e divorciados (16,7%). O grau de escolaridade apresentou pluralidade, variando entre o Ensino Fundamental (16,7%), Ensino Superior e Pós-Graduação (33,3%), e uma concentração no Ensino Médio (50%). Um dado de grande relevância psicossocial é que 33,3% da amostra relatou morar sozinha, a maioria (66,7%) não participava de grupos socioeducacionais prévios à intervenção, indicando um terreno suscetível à vulnerabilidade e ao isolamento social na velhice.

A partir da análise de conteúdo das falas advindas da roda de conversa, aliada às observações do diário de campo, emergiram unidades de significado agrupadas por repetição de assuntos e relevância semântica, conforme Tabela 2.

Tabela 2 – Frequência das unidades de significado mapeadas.

Unidades de Significado	Frequência (N)
Expressão de afetividade, acolhimento e união	12
Novas conexões, estímulo à convivência comunitária	8
Demanda por continuidade, mais tempo e aprofundamento	8
Pertencimento e ocupação do espaço universitário	7
Aplicabilidade prática dos conhecimentos	4
Multiplificação de saberes para a comunidade	4

Fonte: Dados da pesquisa.

Essas unidades de significado convergiram para a construção de três categorias temáticas, que são discutidas a seguir.

Com relação à primeira categoria: Ressignificação do Espaço e Cidadania, os participantes expuseram suas percepções de pertencimento ao ambiente acadêmico e a transformação da pessoa idosa em um sujeito ativo, cidadão e transmissor de saberes, tal como se observa no Quadro 2:





Quadro 2: Primeira categoria da análise de conteúdo da roda de conversa: “Ressignificação do Espaço e Cidadania”. Santos, SP, 2026.

Categoria	Unidade de significado	Exemplos
I. Ressignificação do Espaço e Cidadania.	Pertencimento e ocupação do espaço universitário (7 ocorrências)	C6: “Nossa, eu tô indo numa universidade [...] eu tô entrando no campus, eu tô entrando no prédio e agora eu tô muito feliz” (C6, 69 anos).
		C7: “Me deu até vontade de voltar a estudar, sabia?” (C7, 67 anos).
	Multiplicação de saberes para a comunidade (4 ocorrências)	C9: “Pela parte da fotografia, eu já passei esse conhecimento que eu aprendi, passei já pra outras pessoas” (C9, 65 anos).
		C5: “O que ela (facilitadora) passou pra nós, eu divulguei no grupo. [...] duas coisas que eu achei extremamente novas, que eu não sabia” (C5, 74 anos).

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A primeira categoria indica um sentimento de pertencimento e a valorização da ocupação do espaço universitário pelos participantes. Conforme registrado no diário de campo, essa apropriação espacial manifestou-se de forma prática na circulação por diferentes dependências do campus como o pátio aberto, o laboratório de informática, o estúdio de fotografia, auditório e sala de aula, que deixaram de ser vistos como locais excludentes restrito à juventude, para se constituir como um território de cidadania intergeracional permanente. Como expressou a participante C6 (69 anos):

“Pra mim foi uma grande realização, porque eu tenho um sonho desde pequena [...] eu queria aprender, queria estudar [...] eu tô entrando no campus, eu tô entrando no prédio e agora eu tô muito feliz, realizei um pouco, que eu tô indo de fato estudar” (C6, 69 anos).

“É um momento de pertencimento, né? Independente da idade, a gente pertence, né, à sociedade, à academia e temos direitos” (C5, 74 anos).

Esse movimento de apropriação dos espaços dialoga com a literatura gerontológica e com os princípios da educação popular de Paulo Freire (1996), que defendem a desinstitucionalização da velhice e a superação de visões estereotipadas que reduzem a pessoa





idosa à condição de passividade, inércia ou dependência. Mesmo para aqueles participantes cuja formação acadêmica anterior já houvesse ocorrido.

“Me deu até vontade de voltar a estudar, sabia?” (C7, 67 anos).

Conforme apontam Castro et al. (2024), o envelhecimento bem-sucedido e o protagonismo exigem a abertura concreta de espaços institucionais como a universidade e os serviços de atenção primária onde as vozes dessas pessoas possam ecoar e elas sejam reconhecidas como sujeitos produtores de conhecimento, e não apenas meros receptores.

Alinhado a isso, observou-se como, a partir do protagonismo, resultando na multiplicação dos saberes; os participantes extrapolaram os muros acadêmicos e passaram a atuar como transmissores do que aprenderam. A fala da participante C9 (65 anos) exemplifica isso:

“Pela parte da fotografia, eu já passei esse conhecimento que eu aprendi, passei já pra outras pessoas” (C9, 65 anos).

“O que ela (facilitadora) passou pra nós, eu divulguei no grupo. [...] duas coisas que eu achei extremamente novas, que eu não sabia [...] Eu passei pro pessoal do conselho, pra fazer uma pesquisa, pra gente pegar isso, depois discutir” (C5, 74 anos).

“O que eu consegui fazer em relação a isso aqui, lá pra fora, é repassar pras pessoas com quem eu convivo, com quem eu converso” (C6, 69 anos).

Esse dado corrobora os achados de Souza, Silva e Barros (2021), que destacam que ações educativas emancipadoras estimulam os participantes a atuarem como multiplicadores em seus territórios e redes de apoio social, fortalecendo a coesão comunitária e o exercício pleno da cidadania. Práticas dessa natureza consolidam os preceitos de Lommez et al. (2024) acerca da importância de manter a convivência intergeracional e a garantia da dignidade humana como pautas transversais às políticas públicas de inclusão.

À segunda categoria: Sociabilidade e Rompimento do Isolamento, os participantes apresentaram sua percepção de impacto das oficinas na autonomia decisória, compreendendo temas como saúde emocional, relatando a mitigação da timidez e do isolamento social através da criação de vínculos afetivos que podem ser observados no Quadro 3.





Quadro 3: Segunda categoria da análise de conteúdo da roda de conversa: “Sociabilidade e Rompimento do Isolamento”. Santos, SP, 2026.

Categoria	Unidade de significado	Exemplos
II. Sociabilidade e Rompimento do Isolamento.	Novas conexões, estímulo à convivência comunitária (8 ocorrências)	C3: “A gente já tá junto com pessoas diferentes que a gente não vê sempre, né?” (C3, 77 anos).
		C6: “Ajuda bastante a gente que às vezes é tímida a se socializar, perder um pouco essa coisa da timidez” (C6, 69 anos).
	Expressão de afetividade, acolhimento e união (12 ocorrências)	C10: “Para mim, a minha palavra: maravilhoso. Excelente. [...] Ela é a nossa conexão, né? Só amor” (C10, 62 anos).
		Todos os participantes: “[Grito em coro uníssono] Conectividade!” (C1 a C12).

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Conforme verificado na Tabela 1, o fato de 66,7% do grupo idoso não participar previamente de nenhum grupo social com atividades semelhantes, apontava para um cenário suscetível a agravos e à vulnerabilidade social (CACHIONI; NERI, 2004). O isolamento social na velhice é amplamente reconhecido como um fator de risco primário para o declínio cognitivo e agravos irreversíveis à saúde mental (LIVINGSTON et al., 2024). Portanto, o espaço coletivo operou não apenas como ambiente pedagógico, mas como uma intervenção psicossocial. Nessa direção, Silva et al. (2025) ressaltam que o isolamento social na velhice compromete severamente a saúde mental, tornando imprescindível a criação de redes de apoio e espaços comunitários de convivência que atuem como fatores protetivos à solidão.

A criação de um ambiente seguro, acolhedor e horizontal nas oficinas permitiu que participantes superassem por vezes a timidez, um bloqueio intensificado pelo abandono dos papéis sociais pós-aposentadoria. O participante C3 (77 anos) validou esse sentimento:

"Eu sou um cara muito tímido. Pra mim falar, assim, em grupo é de dificuldade [...] A gente já tá junto com pessoas diferentes que a gente não vê sempre, né?" (C3, 77 anos).





De igual modo, a participante C6 narra a superação de barreiras interpessoais, mediada pela dinâmica do grupo:

"Ajuda bastante a gente que às vezes é tímida a se socializar, perder um pouco essa coisa da timidez. [...] Eu fui tímida, eu fui. Mas eu extravasei" (C6, 69 anos).

Essas percepções orais foram validadas pelas anotações do diário de campo, que documentaram uma transição comportamental visível ao longo das cinco semanas: participantes que, nos primeiros encontros, apresentavam postura física retraída, fala baixa e pouca interação cruzada, passaram a demonstrar engajamento ativo, sorrisos frequentes, trocas de números de celular e iniciativa genuína para auxiliar os colegas que tinham dificuldades motoras ou tecnológicas nas tarefas práticas.

Novas conexões comunitárias ocorreram no próprio espaço acadêmico. Relatos de participantes como C1 e C9 indicaram que elas descobriram morar geograficamente perto e frequentar a mesma congregação religiosa, contudo, só estabeleceram laços interpessoais devido à participação no grupo de estudos. O suporte social gerado nesses encontros atua para moderar o efeito cascata de eventos estressantes comuns à idade, promovendo resiliência psicológica (SILVA et al., 2025).

Esses dados orais foram apoiados pelas notas do diário de campo que documentaram o compartilhamento de lanches nos intervalos, a troca voluntária de números de telefone para além do ambiente acadêmico e a ajuda mútua quando um colega demonstrava dificuldade com o manuseio das tecnologias.

Um forte indício do enfraquecimento da solidão consolidou-se quando o grupo, em coro uníssono ao final da sessão, elegeu a palavra "Conectividade" como o sentimento máximo da experiência. Conectar-se, neste contexto de senescência, atuou como um importante fator prático contra a exclusão.

A última categoria listada foi: Avaliação Crítica e Demanda Educacional. Nesta categoria, os participantes demonstraram uma visão crítica sobre a estrutura pedagógica do





projeto, reivindicando maior aprofundamento técnico e relatando a aplicação prática do aprendizado, observados no Quadro 4.

Quadro 4: Terceira categoria da análise de conteúdo da roda de conversa: “Avaliação Crítica e Demanda Educacional”. Santos, SP, 2026.

Categoria	Unidade de significado	Exemplos
III. Avaliação Crítica e Demanda Educacional.	Demanda por continuidade, mais tempo e aprofundamento (8 ocorrências)	C12: “Eu achei que foi muito pouco, muito pouco tempo pra gente pegar, principalmente nós, idosos, né? Foi muito pouco tempo” (C12, 60 anos).
		C10: “Novidades? IA (Inteligência Artificial). É o que eu tô entrando agora. Procurando aprender mais sobre IA” (C10, 62 anos).
	Aplicabilidade prática dos conhecimentos (4 ocorrências)	C6: “O mal do alemão [esquecimento] tá indo embora, não me pega, porque isso me ajuda pra eu lembrar. [...] Isso tem me ajudado bastante nesse sentido, pra eu captar” (C6, 69 anos).
		C8: “Fotografia. Eu tiro bastante foto. E aí, o foco que ele ensinou, né? Aqueles números em pé que no meio quando você vai tirar a foto, você muda. Eu nunca usei [...] Nossa, que loucura” (C8, 65 anos).

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A categoria aponta indícios da consolidação da educação problematizadora proposta por Freire (1996). Longe de aceitarem uma “educação bancária” (onde o conhecimento é depositado verticalmente no aluno em formato de cartilhas simplistas), o grupo de pessoas idosas assumiu uma postura crítica, exigente e reflexiva sobre o arcabouço pedagógico que vivenciaram.

Embora a aplicabilidade prática tenha sido valorizada, como ressalta a participante C8 (65 anos) ao aplicar as técnicas visuais no celular:

“Eu tiro bastante foto. E aí, o foco que ele ensinou, né? [...] Eu nunca usei [...] Nossa, que loucura” (C8, 65 anos).





Por sua vez, a participante C6 (69 anos) destacou sobre as oficinas de cognição:

"O mal do alemão (esquecimento) tá indo embora, não me pega, porque isso me ajuda pra eu lembrar" (C6, 69 anos).

A unidade de significado que mais se destacou foi a cobrança incisiva por mais densidade acadêmica.

As falas revelaram uma postura crítica frente à brevidade da carga horária oferecida:

"No fim das contas, fica um pouco superficial os assuntos, né? Precisava aprofundar mais em cada temática" (C11, 60 anos).

"Eu achei que foi muito pouco, muito pouco tempo pra gente pegar, principalmente nós, idosos, né? Foi muito pouco tempo" (C12, 60 anos).

O grupo não apenas demandou uma extensão da carga horária, como assumiu o controle sobre as diretrizes curriculares futuras. Evidenciou-se a exigência por pautas complexas e modernas, superando a expectativa de temas clichês voltados à terceira idade. A participante C10 (62 anos), ao ser questionada sobre novidades que desejava aprender, foi direta:

"IA (Inteligência Artificial). É o que eu tô entrando agora. Procurando aprender mais sobre IA" (C10, 62 anos).

O envolvimento intelectual e a postura crítica descritos nas falas encontraram eco nos registros comportamentais do diário de campo. Durante as oficinas práticas, notou-se que os participantes não se limitavam a seguir instruções de forma passiva, eles faziam perguntas aos facilitadores e demonstravam evidente frustração quando o tempo estipulado para a atividade se encerrava.

Em uma sociedade mediada por aparatos digitais, a carência de habilidades tecnológicas acentua perigosamente a exclusão (BONETTI; BICA, 2024). A inclusão digital na velhice vai muito além do manuseio instrumental de aparelhos; ela exige a construção de soluções educativas que garantam a autonomia crítica e a real apropriação das novas tecnologias por parte das pessoas idosas (BERNARDO, 2022).





Essa criticidade evidenciada pelo grupo comprova que a capacidade cognitiva e o anseio por aprendizagem continuam vivos, desafiando a equivocada visão de declínio atrelada à velhice. O grupo não apenas rejeitou a invisibilidade e o apagamento, mas demandou um letramento denso capaz de assegurar o controle prático sobre o próprio cotidiano e atenuar as barreiras e vulnerabilidades impostas pela era da informação.

Ao finalizar as análises de conteúdo, reconhecem-se as limitações do presente estudo, notadamente o número reduzido de participantes da amostra (n=12), situado em um recorte geográfico específico. Contudo, a robustez qualitativa das narrativas traz apontamentos interessantes sobre como as universidades, as entidades do terceiro setor e o poder público em geral devem desenhar, financiar e estruturar políticas de extensão e saúde mental para este público em franca expansão demográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou que a participação de pessoas idosas em oficinas socioeducativas no ambiente universitário vai além da aprendizagem instrumental, contribuindo para o resgate da cidadania, autonomia decisória e a reinserção social e afetiva.

As experiências relatadas demonstraram que a universidade pode contribuir para desconstruir a marginalização da pessoa idosa, promovendo novas perspectivas, interesses e projetos de vida. Nesse sentido, pessoas idosas podem passar de uma condição de isolamento e silenciamento para uma postura mais ativa e desejante, incluindo o interesse pelo retorno aos estudos e pela continuidade da aprendizagem.

Os resultados também confirmaram a relevância da pedagogia de Paulo Freire no contexto gerontológico. A escuta horizontal e o diálogo estimularam a consciência crítica e evidenciaram o interesse do grupo idoso por conteúdos mais aprofundados em todas as temáticas propostas, incluindo assuntos relacionados às novas tecnologias e à Inteligência Artificial, reforçando a importância do letramento digital para a autonomia e a participação social.





Além disso, a criação de vínculos afetivos e o fato de 66,7% dos participantes não frequentarem grupos socioeducacionais externos demonstram o potencial da universidade como espaço de convivência e apoio. Assim, recomenda-se que políticas públicas, serviços de saúde e universidades desenvolvam ações para pessoas idosas com maior carga horária, aprofundamento progressivo dos conteúdos e escuta contínua, reconhecendo sua capacidade crítica e seu direito a uma educação permanente, inclusiva e libertadora.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, A. S. X. et al. A Educação no entardecer da vida. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 29, n. 113, p. 1115-1135, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-403620210002902496>. Acesso em: 17 abr. 2026.

BERNARDO, L. D. As pessoas idosas e as novas tecnologias: desafios para a construção de soluções que promovam a inclusão digital. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 25, n. 4, e230142, p. 1-2, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562022025.230142.pt>. Acesso em: 17 jul. 2026.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 140, n. 192, p. 1, 3 out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 26 jun. 2026

BONETTI, G. D. O; BICA, C. G. Promoção de saúde da população idosa por meio da inclusão digital. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v. 29, e139998, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2316-2171.139998>. Acesso em: 24 jun. 2026.

CACHIONI, M.; NERI, A.L. Educação e velhice bem-sucedida no contexto das universidades da terceira idade. In: NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. (org.). Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos. 2. ed. Campinas: Papirus, 2004. p. 29-49.





CASTRO, A.P.R. et al. Intergeracionalidade e promoção da saúde: reflexões e desafios na atenção à pessoa idosa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 27, e230093, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562024027.230093.pt>. Acesso em: 02 set. 2025.

COSTA, L.S.A.; SANTOS, C.R.I. Desafios da equipe de Saúde da Família no cuidado à pessoa idosa com doença de Alzheimer e ao cuidador. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 28, e240137, 2025. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562025028.240137.pt>. Acesso em: 02 set. 2025.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 26 jun. 2026.

LIVINGSTON, G. et al. Dementia prevention, intervention, and care: 2024 report of the Lancet standing Commission. *The Lancet*, 2024. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(24\)01296-0/abstract](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(24)01296-0/abstract) Acesso em: 30 mai.2026.

LOMMEZ, I. et al. Intergeracionalidade e envelhecimento na interface das políticas públicas: revisão integrativa. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 29, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2316-2171.129050>. Acesso em: 17 abr. 2026.

OLIVEIRA, P. B. R; GAMA, R. P. Roda de Conversa: um instrumento metodológico tecnológico-formativo-coletivo na Pesquisa em Educação. *Revista Educação e Políticas em Debate*, v. 13, n. 1, p. 1–20, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/REPOD-v13n2a2024-71286> . Acesso em: 30 mai.2026.

SILVA, K. C. V. et al. O impacto da solidão e o isolamento social na saúde mental dos idosos. *Revista Contemporânea*, v. 5, n. 7, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.56083/RCV5N7-098>. Acesso em: 06 jun. 2026.





SOUZA, E. R. et al. Educação e envelhecimento ativo: uma perspectiva de políticas públicas. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, n. 1, p. 37-44, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.56083/RCV5N7-098>. Acesso em: 03 ago. 2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Decade of healthy ageing: baseline report. Geneva: WHO, 2020.

Recebido em: 05/08/2026

Aprovado em: 17/08/2026

Publicado em: 30/08/2026

